



## A construção dos *ethé* de potência e de chefe em pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro sobre a covid-19

**Kennedy Cabral Nobre**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Brasil.

[orcid.org/0000-0002-8382-2151](https://orcid.org/0000-0002-8382-2151)

**Maria Enedina Verçosa Neta**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Brasil

[orcid.org/0000-0002-8105-3061](https://orcid.org/0000-0002-8105-3061)

A presente pesquisa analisa como se constroem os *ethé* de potência e de chefe nos pronunciamentos do presidente Jair Messias Bolsonaro sobre a covid-19 no Brasil. Entre março de 2020 e março de 2021, foram coletados pronunciamentos oficiais e pronunciamentos realizados ao vivo no formato live. Ancora-se esta pesquisa nos pressupostos teóricos de Charaudeau (2018), sobre discurso político e *ethos*. Constata-se, a partir da análise, que, em discursos oficiais, o *ethos* de potência se evidencia somente através da exaltação do corpo como prova da força do político. Em contrapartida, nos discursos espontâneos, a imagem de potência também é projetada por meio da vociferação, expressa mediante insultos e bravatas a opositores políticos e à imprensa. No que diz respeito ao *ethos* de chefe, este é projetado nas duas modalidades, geralmente sob a figura de guia ou atrelado ao *ethos* de competência.

**Palavras-chave:** *Ethos* de potência. *Ethos* de chefe. Discurso político. Covid-19.

## La construcción del *ethé* de poder y de jefe en declaraciones del presidente Jair Bolsonaro sobre el covid-19

La presente investigación analiza cómo se constRuyen los *éthé* de potencia y de jefe en los pronunciamientos del presidente Jair Messias Bolsonaro sobre la covid-19 en Brasil. Entre marzo de 2020 y marzo de 2021 se recopilaron pronunciamientos oficiales y pronunciamientos realizados en formato en vivo. Esta investigación está anclada en los supuestos teóricos de Charaudeau (2018) sobre discurso político y *ethos*. En función del análisis, resulta que, en los discursos oficiales, el *éthos* de potencia se evidencia sólo a través de la exaltación del cuerpo como prueba de la fuerza del político. En los discursos espontáneos, la imagen de poder también se proyecta a través de la vociferación, expresada a través de insultos y bravatas a los opositores políticos y la prensa. En cuanto al *ethos* de jefe, este se proyecta en ambas modalidades, generalmente a través de la figura de guía o vinculado al *éthos* de competencia.

**Palabras clave:** *Éthos* de potencia. *Éthos* de jefe. Discurso político. Covid-19.

## The construction of potency and leader *ethé* in pronouncements by president Jair Bolsonaro about covid-19

The present article analyzes how the *éthé* of power and guide are constructed in the pronouncements of President Jair Messias Bolsonaro about covid-19 in Brazil. From March 2020 to March 2021, official pronouncements and informal pronouncements made in the live format were collected. This research is based on the theoretical assumptions of Charaudeau (2018), about political discourse and *ethos*. It can be seen, through the analysis, that, in official discourses, the *ethos* of power is evident only through the exaltation of the body as a proof of the strength of the politician. On the other hand, in spontaneous discourses, the image of power is also projected through vociferation, expressed insults and mockery to political opponents and the media. Regarding the *ethos* of a guide, it is projected in both modalities, usually under the figure of a guide or associated to the *ethos* of competence.

**Keywords:** *Ethos* of power. *Ethos* of guide. Political discourse. Covid-19.

## Introdução

Em 31 de dezembro de 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi advertida a respeito de várias ocorrências de pneumonia na cidade chinesa de Wuhan, provocadas por uma nova cepa de coronavírus ainda não identificada anteriormente em humanos. Em 30 janeiro de 2020 a OMS declarou que o surto do novo coronavírus (que recebeu o nome de SARs-CoV-2, responsável por causar a doença conhecida como covid-19) constituía Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e, em 11 de março de 2020, a covid-19 foi caracterizada como uma pandemia.

No Brasil, o primeiro caso de covid-19 foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, tratando-se de um homem de 61 anos de idade que houvera viajado à Itália, e o primeiro caso registrado de transmissão interna ocorreu em 05 de março. Em 17 de março registram-se o primeiro caso de transmissão comunitária e o primeiro óbito.

Embora a mídia, de uma maneira geral, tenha informado à população a respeito dos protocolos sanitários utilizados em outros países que, à altura, diziam respeito especialmente ao uso de máscara, ao distanciamento social e à higienização de mãos e superfícies, não havia um direcionamento preciso por parte do Ministério da Saúde e do Governo Federal em estabelecer diretrizes à população de como proceder. Em muitos casos, governadores e prefeitos tiveram de estabelecer por eles mesmos essas medidas, decretando por exemplo *lockdown* e/ou distanciamento social a fim de conter a propagação do vírus.

Nesse ínterim, uma série de conjecturas circulavam mediante os mais variados meios de comunicação, dentre os quais a negação absoluta da existência do vírus (acompanhada de teorias conspiratórias a respeito de planos de dominação global por parte da China) e a mitigação da gravidade dos efeitos da doença. Circulavam também informações de que o vírus não se propagava em ambientes de clima tropical ou que só pessoas muito idosas ou com comorbidades eram efetivamente vulneráveis. Outros discursos foram sendo propagados, como a teoria da imunização de rebanho, a qual a população deveria ser exposta ao vírus e naturalmente se vir protegida ou a de que medicamentos vermífugos e antiparasitários seriam eficazes contra a doença, fazendo parte de algo que foi no Brasil chamado de “tratamento precoce”. Muitos desses discursos contribuíram para a desinformação acerca da doença e foram difundidos, inclusive, por personalidades ligadas ao Governo Federal.

Esse estado de coisas fez do Brasil um dos países em que mais houve registros de infecção e mortalidade por covid-19<sup>1</sup>. A má gestão da pandemia por parte do Poder Executivo Federal foi

---

<sup>1</sup> 658 mil óbitos e 29,7 milhões de casos registrados, conforme dados consultados em 23 de março de 2022 (<https://covid.saude.gov.br>).

tão patente que se instaurou no Senado Federal uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar ações e omissões do Executivo na prevenção e no combate ao covid-19. Ressalte-se que a ação da CPI foi tão importante que, ainda durante a fase de oitivas e de investigações, mediante apurações de irregularidades em contratos e em licitações e de negligência em compra de vacinas, pressionou o Governo Federal a iniciar o processo de imunização<sup>2</sup>. Tampouco a questão da imunização deu-se de forma pacífica. Recrudesceram teses obsoletas de desconfiança em torno da vacinação, inclusive proferidas pelo chefe do executivo.

Toda essa contextualização vem ao encontro da concepção de linguagem adotada nessa pesquisa, qual seja, a de que a língua é como lugar de interação, o que evidencia o papel e o lugar dos sujeitos como (re)produtores ativos de estruturas sociais, histórico e ideologicamente situadas. Assim, entende-se que, para além das ações e omissões (em termos de gestão da coisa pública) do Governo Federal, os pronunciamentos do senhor presidente da república, formais ou não, contribuíram para a manutenção e o aprofundamento da calamidade originada pelo SARs-CoV-2, uma vez que minimizava a existência da doença e contestava os protocolos adotados na grande maioria dos países.

Dito isto, nosso objetivo neste artigo é analisar o *ethos* construído por Jair Messias Bolsonaro em pronunciamentos sobre a covid-19 no Brasil. Utiliza-se, para fundamentar a análise, os estudos de Charaudeau (2018), que concebe o *ethos* como as imagens de si que o orador constrói através de seu discurso, com a finalidade de persuadir seu auditório.

O estudo da construção de *ethos* em discursos políticos é profícua, de modo que é pertinente mencionar alguns trabalhos sobre *ethos* que foram desenvolvidos por estudiosos da área, principalmente no que diz respeito a estudos que se debruçam a investigar acerca dos *ethé* de credibilidade e de identificação projetados nos pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro.

Nessa perspectiva, tem-se o trabalho de Vieira Filho e Procópio (2020), que investigam quais imagens são projetadas no discurso de posse presidencial de Jair Bolsonaro em 2019, a partir de uma perspectiva semiolinguística proposta por Charaudeau (2011; 2013). Na pesquisa, os autores constataram que Bolsonaro projeta em seu discurso os *ethé* de credibilidade, que correspondem às imagens de sério, de virtude e de competência, bem como os *ethé* de identificação, que dizem respeito às imagens de potência, de caráter, de chefe, de humanidade e de solidariedade.

---

<sup>2</sup> Salienta-se que a iniciativa do Governo de São Paulo em imunizar a população de seu estado também pressionou o início da vacinação no país por parte do governo federal, este motivado por questões eminentemente eleitoreiras.

O estudo de Moitinho *et al* (2020) parte dos pressupostos de Charaudeau (2004; 2008), Maingueneau (2004; 2006) e Orlandi (1999) e analisa a projeção dos *ethé* de credibilidade e de identificação no discurso de abertura da 75<sup>a</sup> Assembleia Geral da ONU proferido por Jair Bolsonaro. Na pesquisa se constatou que houve a predominância do *ethos* de virtude e de competência, bem como a presença do *pathos* com a finalidade de sensibilizar o auditório.

Já Cruz (2020) propôs-se a analisar quais características e mecanismos na elaboração do *ethos* estão presentes no discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro. A autora identificou que há, no discurso, elementos que apontam para uma homogeneização de determinados aspectos que levam à negação do diferente, favorecendo, dessa forma, uma polarização discursiva de um governante que se projeta como “salvador da pátria”, opondo-se a tudo que é contrário a essa imagem, e, portanto, considerado negativo pelo orador.

Soares e Santos (2020) analisam de que forma é mobilizado o *ethos* nos discursos de posse dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (2003) e Jair Messias Bolsonaro (2019). Ancorados nos estudos de Charaudeau (2011) sobre o *ethos* no discurso político, além de Pêcheux (2010; 2011) e Orlandi (2005), sobre a intencionalidade do discurso, os autores constatam que os efeitos de sentido dos dois candidatos ora se assemelham, ora se divergem ao tratar de temáticas idênticas.

Por fim, é importante destacar o trabalho de Silva (2020) que, a partir dos pressupostos da Nova Retórica, analisa a argumentação do presidente Jair Bolsonaro sobre a covid-19, evidenciando que este cria um simulacro da realidade sobre a doença mediante recategorização da pandemia.

A partir dos resultados dessas pesquisas, percebe-se que é recorrente, no discurso de Bolsonaro, a projeção dos *ethé* de credibilidade, especificamente as imagens de sério e de competência; no que diz respeito aos *ethé* de identificação, há a predominância do *ethos* de chefe, este último projetado mediante a figura de “guia”. Todavia, é possível constatar que o *corpus* analisado propicia a projeção dos *ethé* de credibilidade, ou seja, discursos formais, como pronunciamentos de posse ou em Assembleias Internacionais, comportam, de maneira mais acentuada, imagens de sério, virtude e competência.

Considerando os resultados acima expostos, e como forma de dar continuidade a este nicho, nesta pesquisa focalizam-se, como critério analítico, as imagens de potência e de chefe, mobilizadas nos discursos do presidente Jair Bolsonaro. Adverte-se que outros tipo de *ethé*, em especial o de caráter, são também passíveis de construção nos pronunciamentos utilizados, mas tem-se o intuito, ao recortar a análise para dois *ethé* específicos, como a construção da imagem de si está condicionada ao público a que se dirige, e como os procedimentos expressivos e enunciativos, que, grosso modo, contribuem para a projeção dos *ethé* já mencionados,

distinguem-se a partir dos dois registros discursivos analisados: pronunciamento oficial e espontâneo.

Partindo desses trabalhos, esta pesquisa contribui para os estudos sobre o *ethos* no discurso de Bolsonaro e lança luz ao estudo do *ethos* em pronunciamentos informais transmitidos em redes sociais, ainda pouco explorados atualmente, além de evidenciar como ações de linguagem afetam a vida dos indivíduos.

## **2 A noção de *ethos***

Na Retórica Clássica, Aristóteles expõe as três provas engendradas pelo discurso – o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O *logos*, pertencente ao domínio da lógica, faz com que seja possível convencer, enquanto o *ethos* e o *pathos* pertencem ao domínio da emoção e tornam possível emocionar (Charaudeau, 2018, p. 113). É nessa perspectiva que o *pathos* é apontado para o auditório, com o fim único de persuadi-lo, enquanto o *ethos* é apontado para o orador, que quer aparentar uma imagem de fidedignidade com a finalidade de persuadir o auditório. De acordo com Amossy, as três provas apresentam igual importância para conseguir a adesão do auditório, uma vez que é necessário tanto comover quanto convencer (Amossy, 2016, p. 17).

Contemporaneamente, os estudos sobre o *ethos* ganharam novas perspectivas e projeções, principalmente na AD, na Pragmática e na Argumentação. Amossy (2016, p. 11), aponta que, no campo da enunciação, Benveniste (1989, p. 84) concebe a noção de “quadro figurativo”, no qual emissor e receptor estabelecem uma relação discursiva de influência mútua: o emissor constrói uma imagem de si e do receptor, enquanto este último constrói uma imagem de si e do emissor. Já Ducrot (1987, p. 189) procura estudar o *ethos* a partir de uma teoria polifônica ao conceber a enunciação como o surgimento de um enunciado, e não o ato de fala do sujeito, de modo que o *ethos* está ligado ao locutor (L) como sujeito da enunciação, que se transveste de certos caracteres que tornam sua enunciação aceitável ou não.

Amossy (2018) desenvolve um estudo sobre a retórica e as teorias da argumentação. No que concerne a esta pesquisa, atentou-se para os pressupostos da autora referentes à relação entre orador e auditório. Partindo da perspectiva de que auditório é formado por um ou mais indivíduos que o orador quer influenciar através de sua argumentação, este projeta imagens de seu auditório através de um imaginário social pautado em crenças, hipóteses e valores pré-concebidos. O auditório deve ser entendido como uma abstração, tendo em vista que é construído através das percepções do orador, não correspondendo à realidade concreta e imediata. Nessa perspectiva, as imagens que o orador constrói de seu público estão presentes

dentro de seu discurso, materializando-se na troca verbal. O auditório, por sua vez, é levado a se reconhecer na figura do locutor, sendo um o reflexo do outro.

No campo da semiolinguística discursiva, Charaudeau (2018) retoma a noção aristotélica para traçar um panorama acerca das estratégias discursivas utilizadas em discursos políticos. Defendendo a ideia de que os atores políticos ‘jogam’ com máscaras, o autor aborda a respeito dos artifícios utilizados por esses atores, cuja finalidade é persuadir os indivíduos a aderirem às suas propostas. Nesse sentido, o teórico desenvolve um modelo no qual organiza o *ethos* no discurso político em duas categorias, a saber, os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação. No tópico seguinte, aborda-se sucintamente a tipologia proposta por Charaudeau.

## 2.1 A tipologia de Charaudeau para o estudo do *ethos* no discurso político

De acordo com Charaudeau (2018, p. 117), o *ethos* político é construído através de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos e do conteúdo de suas proposições, moldados através de imaginários sociais. Diante disso, o *ethos* prevê um jogo entre o *si*, o *outro* e mais um *terceiro* ausente, que corresponde a uma imagem ideal, um valor de referência, construída por meio de imaginários sociais que ditam o que é positivo e negativo. Nessa perspectiva, o *si* procura transmitir ao auditório essa imagem ideal, enquanto o *outro* se deixa ser influenciado a aderir ao indivíduo que transmite tal imagem. Seguindo essa linha de pensamento, é possível constatar que, no discurso político, as figuras identitárias do sujeito são, ao mesmo tempo, voltadas para si, para o outro e para uma imagem ideal, tomada como referência.

É importante para o sujeito ser simultaneamente crível e suporte de identificação, uma vez que é necessário tanto que o auditório creia no poder que o político detém para executar ideias, ou seja, no seu poder de ação; quanto se identifique com a sua pessoa, que é quem irá aplicá-las. Nesse sentido, os *ethé* de credibilidade são constituídos da identidade discursiva do sujeito que fala para mostrar-se e ser julgado como digno de crédito. Essas imagens, de acordo com Charaudeau (2018, p. 119), “repousam sobre um *poder fazer*”; e, no que se refere à instância política, a figura do governante necessita mostrar que detém tal poder. O autor assevera que a credibilidade, no discurso político, atende a três condições: *sinceridade*, *performance* e *eficácia*. A primeira diz respeito ao falar verdadeiro, a dizer a verdade; a segunda, à obrigatoriedade do cumprimento das promessas feitas; e a terceira está relacionada aos meios que o político detém para cumprir suas promessas e aos resultados positivos que precisa alcançar. Para isso, o político deve construir os *ethé* de *sério*, de *virtuoso* e de *competente*.

O *ethos* de sério, de acordo com Charaudeau (2018, p. 120), depende da representação que cada grupo social faz do que é a seriedade e de quem a detém, sendo construído por meio de índices corporais, comportamentais e verbais. Dessa forma, a seriedade é projetada quando o político mostra uma certa rigidez no corpo, uma face menos sorridente, um tom de voz firme e moderado; além disso, ele tende a utilizar palavras e frases simples e claras, demonstrar autocontrole diante das adversidades e críticas, vigor e capacidade de trabalho e onipresença em todas as linhas de frente da vida política e social.

O *ethos* de virtude diz respeito à sinceridade e à fidelidade do político para com seus concidadãos. Dessa forma, a virtude é construída na medida em que o orador mostra honestidade em sua vida privada e pública, transparência em suas ações e coerência em relação aos princípios políticos os quais defende, seguindo a mesma linha de pensamento e de ideias. A lealdade também faz parte desse *ethos*, uma vez que o político, como sujeito honesto, precisa mostrar-se leal aos seus oponentes, sem deferir golpes baixos e reconhecendo seus erros e derrotas. O *ethos* de competência refere-se tanto ao saber quanto à habilidade. Nessa perspectiva, aquele que fala deve demonstrar que conhece o campo político no qual atua, que possui os meios, o poder e a experiência para cumprir suas obrigações e que, mediante esses fatores, terá resultados positivos. Essa imagem evidencia-se na experiência do político adquirida em sua trajetória, estudos, funções exercidas no poder público. Desse modo, a competência é avaliada por meio da trajetória política, principalmente.

Já os *ethé* de identificação estão relacionados ao afeto social, uma vez que: “[...] o cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político” (Charaudeau, 2005, p. 137). São recorrentes, na caracterização das imagens de identificação, no discurso político, os *ethé* de potência, de caráter, de inteligência, de humanidade, de solidariedade e o de chefe.

O *ethos* de potência configura-se através de uma imagem de força, de energia física e de virilidade sexual. Em decorrência disso, a potência é voltada para o masculino, dependendo do sistema de valores presente em determinado contexto cultural. No âmbito político, o papel do corpo é evidenciado, de modo que, nessa perspectiva, o *ethos* de potência é manifestado através da glorificação da força física, da vociferação em manifestações e comícios, de demonstrações de vigor corporal, de proezas físicas e do exercício de uma violência verbal destinada aos adversários. Em projeções mais amenas, essa imagem pode ser apresentada por meio da agilidade do político, que está presente na linha de frente das ações e decisões, quase de maneira militar ou esportiva.

O *ethos* de caráter, por sua vez, diz respeito à força de espírito, à vituperação que emerge de uma indignação pessoal, de um julgamento, e que precisa ser expressado de maneira

veemente, porém moderada. Por constituir-se como uma imagem que geralmente é evocada como resultado de uma reação a algo ou a alguém, a provocação e a polêmica fazem parte desse *ethos*, além da coragem (para enfrentar as adversidades, por exemplo) e do orgulho.

O *ethos* de inteligência constrói-se por meio de duas figuras complementares e antagônicas. A primeira diz respeito à bagagem cultural do político, sua origem social e sua formação acadêmica, que se revelam por meio de seu comportamento. Nessa perspectiva, títulos acadêmicos, livros escritos e a participação em programas culturais são indícios que caracterizam a imagem de inteligência. A segunda figura diz respeito à astúcia e à malícia empregada no jogo político. Para mostrar-se inteligente, o político precisa “saber jogar com o ser e o parecer” (Charaudeau, 2018, p. 146), suscitando intenções e estabelecendo metas que alcancem resultados positivos.

A imagem de humanidade é percebida na medida em que o político demonstra suas fraquezas e sentimentos, se sensibiliza com seus compatriotas, os compreende, e, por vezes, confessa suas dificuldades e defeitos (compaixão), e revela suas paixões, como seus *hobbies* e gostos pessoais (Charaudeau, 2008, p. 148-153).

Com relação ao *ethos* de chefe, este é constituído pelas figuras de *guia*, de *soberano* e de *comandante*. A figura do *guia* se dá por meio da consciência que determinado grupo detém em projetar um ser superior para guiá-los em meio às adversidades. Dessa forma, o político constrói para si as imagens de “pai”, de “inspirador do espírito”, de “salvador” e de “dominador”. Já a figura de *chefe-soberano*, nas palavras de Charaudeau (2018, p. 157) “[..] pode construir para si um *ethos* do que lhe permite assumir uma posição de fiador dos valores até o ponto de confundir-se com esses eles”. Nesse sentido, o político pauta seu discurso na defesa de valores como democracia, soberania do povo e identidade nacional. Essa figura também se expressa para mostrar que o orador domina a cena política e que não se deixa levar por conflitos politiquês. Por fim, a figura do *comandante* é uma estratégia pela qual o político busca demonstrar uma imagem de autoridade, de ‘chefe de guerra’, bem como de um líder populista, que age no intuito de acabar com ‘as forças do mal’, de salvar o povo.

Por fim, o *ethos* de solidariedade é manifestado quando o sujeito político demonstra que é consciente dos sofrimentos alheios; que defende as necessidades dos mais pobres; que exprime sua vontade de estar junto de seus concidadãos; que não se coloca numa posição diferente da dos outros (mesmo que sua função política tenha maior poder de decisão); que deixa entrever que existe uma relação política de reciprocidade entre seus atos e declarações. Além disso, a solidariedade é construída na medida em que o orador se mostra consciente das responsabilidades que cabem a ele próprio e a seu governo, que ouve o povo, que está atento e respeita seus problemas, o seu sofrimento, as suas necessidades (Charaudeau, 2018, p. 163-166).



Discutida sumariamente a tipologia, discutem-se a seguir os procedimentos expressivos e enunciativos que auxiliam a construção do *ethos* no discurso político.

## 2.2 Os procedimentos expressivos e enunciativos

Na encenação e na construção do *ethos*, os procedimentos discursivos são meios pelos quais são construídos os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação no discurso político. Tais procedimentos são eficazes porque levam em consideração as circunstâncias da enunciação (contexto comunicativo, personalidade do orador e aspectos culturais e de época) e são divididos em expressivos e enunciativos.

Acerca dos procedimentos expressivos, estes caracterizam-se pela “enunciação da palavra em sua forma oral” (Charaudeau, 2018, p. 168). Cada político possui uma maneira particular de falar, que Charaudeau (2018, p. 168) distingue em “bem falar”, “falar forte”, “falar tranquilo” e “falar regional”.

O “bem falar” advém da construção que determinado grupo faz de um falar elegante, culto, de personalidade. Para tal, é preciso que o orador possua, além de diversos procedimentos semiológicos, algumas características de vocalidade, como um tom de voz adequado, que não seja muito forte ou muito fraco; uma dicção lenta, que transmita a ideia de autocontrole e preocupação em ser compreendido; um ritmo cadenciado ao pronunciar as frases, efetuando pausas fortes e fracas e acentuando as sílabas corretamente; também uma articulação correta das sílabas, que não seja muito mecânica ou muito lenta. Em suma, uma pronúncia elocutiva que denota que o político tem controle de si e que mostra estar preocupado em ser compreendido corretamente (Charaudeau, 2018, p. 169).

O “falar forte”, por contribuir com a construção de uma imagem de potência, apoia-se em características físicas e discursivas. Nessa perspectiva, o orador deve possuir um porte físico atlético, que demonstre força, além de gestos corporais que denotam vigor e um desempenho oratório enérgico. Ao proferir seu discurso o político também deve apresentar uma “voz de trovão”, cujo timbre ressoe em todo o auditório e uma pronúncia bem articulada. Dependente de fatores culturais, o “falar forte” constrói o *ethos* de político dominante e atuante (Charaudeau, 2018, p. 171).

A respeito do “falar tranquilo”, este caracteriza-se por uma dicção lenta, que não se mostra nem tenra e nem exageradamente potente, semelhante a uma conversa entre amigos ou familiares. Dessa forma, a articulação deve ser compreensível, com uma pronúncia de frases controlada, com pausas bem marcadas e que demonstre naturalidade, transmitindo a ideia de um indivíduo detém o poder de resolver os problemas do mundo. Além disso, o “falar tranquilo”

do político também pode evocar diversas imagens, como de inteligência, de caráter, de chefe e de soberano paternal (Charaudeau, 2018, p. 172).

Por último, o “falar regional” é definido como um procedimento expressivo, porque é totalmente voluntário. Por estar ligado ao sotaque de determinada região, pode estabelecer uma relação de proximidade com determinado grupo que compartilha as mesmas características de fala. De acordo com Charaudeau, o “falar regional” cria um *ethos* ambíguo, em que ora pode evocar uma imagem de autenticidade e humanidade, trazendo à memória um falar que evidencia determinada entidade esquecida ou estigmatizada, ora pode construir uma imagem de malícia ou um estereótipo de ‘caipira’ (Charaudeau, 2018, p. 173).

Os procedimentos enunciativos, por sua vez, inserem o locutor em uma determinada cena, bem como colocam o interlocutor no mesmo ato de linguagem e podem apresentar o que é dito como se ninguém estivesse implicado. Respectivamente, essas funções caracterizam a enunciação “elocutiva”, “alocutiva” e “delocutiva”.

A enunciação elocutiva é expressa com o uso de pronomes pessoais em primeira pessoa junto a verbos modais, advérbios e qualificadores que evidenciam a implicação do orador e descrevem seu ponto de vista pessoal, como nas afirmações “Eu afirmo” ou “Eu estou convencido de que o futuro é glorioso”<sup>3</sup>. Conforme Charaudeau (2018, p. 175), algumas dessas modalidades também auxiliam na construção de alguns *ethé*. A modalidade do compromisso, que ajuda a construir a figura de guia supremo: “Se eleito, irei me empenhar no combate à corrupção no país”. O emprego do pronome “nós” na enunciação também contribui para a projeção do *ethos* de solidariedade: “Devemos corrigir as desigualdades e sermos empáticos uns com os outros”. Também a modalidade da rejeição evoca os *ethé* de sério e chefe: “Eu contesto suas palavras”.

Já a enunciação “alocutiva” é expressa por meio de pronomes pessoais de segunda pessoa, também acompanhados de verbos modais, de qualificadores e de denominações que inserem o interlocutor, o lugar que o locutor lhe designa e a relação que se estabelece entre eles (Charaudeau, 2018, p. 176). Dessa forma, construções como: “O senhor deve saber que...” exemplificam a enunciação alocutiva. A implicação do interlocutor na enunciação acaba por criar determinada imagem do locutor, e, também, certas figuras de *ethos* através das modalidades alocutivas. Nessa perspectiva, as modalidades de tratamento ou interpelação, por exemplo, acabam por projetar a figura de chefe soberano, ao utilizarem tratamentos obrigatórios que, ao mesmo tempo em que identificam o público, legitimam o orador: “Povo brasileiro...”, “Cidadãos e cidadãs...”.

---

<sup>3</sup> Os exemplos utilizados na caracterização dos procedimentos enunciativos foram adaptados de exemplos contidos em Charaudeau (2018).

As modalidades de interpelação geralmente são direcionadas, nos discursos, para o adversário, construídas por termos de tratamento e qualificativos depreciativos: “Seja mais educado em suas respostas, senhor...”. Além disso, também há a modalidade de solicitação, em que o locutor insere a interpelação do interlocutor na enunciação: “Brasileiros e Brasileiras, o que está sendo feito com a nossa democracia?”. Charaudeau (2018, p. 178) ainda argumenta que as enunciações elocutivas e alocutivas, ao utilizarem os termos de tratamento, como o “Eu”, “Vocês”, “Nós” e “Brasileiros e Brasileiras”, acabam solicitando confiança, projetando, com isso, uma figura de guia.

Acerca da enunciação “delocutiva”, esta apresenta o que é dito e, ao mesmo tempo, isenta os interlocutores, apresentando a visão de uma terceira voz, isto é, “[...] não depende nem do eu, nem do tu, pois ela tem um valor em si” (Charaudeau, 2008, p. 178-179). A enunciação delocutiva transmite ao interlocutor o sentido de evidência, e, através disso, projeta no orador uma imagem de soberano, já que ele se põe em uma posição superior por deter uma verdade estabelecida. Diante disso, a enunciação delocutiva é expressa por frases cujos interlocutores se mostram ausentes, apresentando uma forma impessoal: “o futuro do Brasil está nas mãos dos brasileiros”.

Discutidas as categorias que fundamentam a análise, informa-se a seguir os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho.

### **3 Metodologia**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, ou seja, se preocupa em investigar, através da coleta de informações, os sentidos e significados presentes nos discursos e nas ações de determinado indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Nesse âmbito, procura-se evidenciar, nos pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro, como se constroem as imagens de potência e chefe. Para isso, o material utilizado para a análise consiste em três pronunciamentos oficiais e três pronunciamentos informais transmitidos ao vivo, todos proferidos pelo presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

Os pronunciamentos oficiais foram transmitidos em estações de rádio e em emissoras de televisão abertas e ocorreram de março de 2020 a março de 2021, coletados na plataforma de vídeos YouTube, no canal oficial do Palácio do Planalto<sup>4</sup>. Os pronunciamentos no formato “ao vivo” foram transmitidos nas redes sociais do Presidente Jair Bolsonaro e coletados dos canais “Os Pingo nos is”<sup>5</sup>, e do canal do presidente Jair Bolsonaro<sup>6</sup>, disponíveis na plataforma de vídeos

---

<sup>4</sup>Fonte: [www.youtube.com/user/PalaciодоPlanalto](http://www.youtube.com/user/PalaciодоPlanalto)

<sup>5</sup>Fonte: [www.youtube.com/c/ospingosnosis](http://www.youtube.com/c/ospingosnosis)

<sup>6</sup>Fonte: [www.youtube.com/c/jbolsonaro](http://www.youtube.com/c/jbolsonaro)

YouTube, e ocorreram de junho de 2020 a março de 2021. A escolha de dois formatos de discurso na seleção do *corpus* foi motivada pelo fato de se buscar investigar de que forma são projetadas as imagens de potência e de chefe em modalidades diferentes de pronunciamentos, considerando o público-alvo como fator que potencializa a mudança na construção da imagem de si.

O *corpus* foi constituído em função da temática geral “Pandemia no Brasil”, em que o presidente expressa a sua opinião sobre a covid-19, a vacinação, o isolamento social, o uso de máscaras, a hidroxiclороquina e o auxílio emergencial. A partir da coleta dos pronunciamentos, realizaram-se as transcrições do conteúdo integral dos discursos para a análise dos dados, considerando os pressupostos de Charaudeau (2018) sobre discurso político e *ethos*. A seguir, apresentam-se em quadro as características dos vídeos de onde foram coletados e transcritos os pronunciamentos.

**Quadro 1** – Informações sobre os pronunciamentos formais e informais analisados

Vídeos em caráter formal	
VÍDEO 1: Discurso em caráter formal, de 24 de março de 2020	
Mídia	Canal: Planalto. Link do vídeo: ( <a href="#">Pronunciamento do presidente da República, JairBolsonaro (24/03/2020)- YouTube</a> ). Duração: 4 min e 58 seg.
Contextualização	Pronunciamento referente à Pandemia de covid-19 no Brasil, transmitido em emissoras de televisão aberta e estações de rádio. À altura, as secretarias estaduais de saúde confirmam pouco menos de 2 milhões de casos, chegando a 47 o número oficial de óbitos.
VÍDEO 2: Discurso em caráter formal, de 8 de abril de 2020	
Mídia	Canal: Planalto. Link do vídeo: ( <a href="#">Pronunciamento do presidente da República, JairBolsonaro (08/04/2020)- YouTube</a> ). Duração: 5 min e 10 seg.
Contextualização	Pronunciamento referente à Pandemia de covid-19 no Brasil, transmitido em emissoras de televisão aberta e estações de rádio. O número de mortes chega a 691 e o de casos é de pouco mais que 14 mil. É por este período que ensaios clínicos testam alternativas para tratamento da doença, que incluem substâncias cloroquina e hidroxiclороquina associadas à azitromicina.
VÍDEO 3: Discurso em caráter formal, de 23 de março de 2021	
Mídia	Canal: Planalto. Link do vídeo: ( <a href="#">Pronunciamento do Presidente da República JairBolsonaro - YouTube</a> ). Duração: 3 min e 20 seg.
Contextualização	Pronunciamento oficial referente à Pandemia de covid-19 no Brasil, transmitido em emissoras de televisão aberta e estações de rádio. Neste dia, é registrado novo recorde diário de óbitos: 3.251 mortes, conforme dados enviados pelas secretarias estaduais ao Ministério da Saúde e ao Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS)
Vídeos em caráter informal ( <i>lives</i> )	

VÍDEO 4: Discurso em caráter informal, de 25 de junho de 2020	
Mídia	Canal: Jair Bolsonaro Link do vídeo: ( <a href="#">Live da Semana com Presidente Jair Bolsonaro -25/06/2020 - YouTube</a> ) Duração: 56 min e 29 seg.
Contextualização	Live transmitida em redes sociais que possui como pauta a discussão de assuntos relacionados a Pandemia de covid-19 no Brasil. O quantitativo de vítimas fatais era de 54.971. Nos dias anteriores, o Brasil registrava o segundo maior recorde em óbitos em 24h.
VÍDEO 5: Discurso em caráter informal, de 7 de janeiro de 2021	
Mídia	Canal: Jair Bolsonaro Link do vídeo: ( <a href="#">Primeira Live de 2021 (07/01) - Presidente JairBolsonaro - YouTube</a> ) Duração: 1 h, 10 min e 4 seg.
Contextualização	Live transmitida em redes sociais que possui como pauta a discussão de assuntos relacionados à Pandemia de covid-19 no Brasil. Na primeira quinzena de janeiro o país atingiu o número de 200 mil mortes, que se encontravam em alta após as festas de fim de ano.
VÍDEO 6: Discurso em caráter informal, de 11 de março de 2021	
Mídia	Canal: Os Pingos nos is Link do vídeo: ( <a href="#">Íntegra da live de Jair Bolsonaro de 11/03/20 - YouTube</a> ) Duração: 1 h, 10 min e 2 seg.
Contextualização	Live transmitida em redes sociais que possui como pauta a discussão de assuntos relacionados a Pandemia de covid-19 no Brasil. Nos dias anteriores, o Brasil ultrapassava a marca de 2 mil mortes diárias.

Fonte: Elaboração nossa

A análise do *corpus* está dividida em três partes: a primeira diz respeito à análise dos *ethé* de potência e chefe em discursos formais; a segunda parte se refere à análise da construção da imagem do orador nas *lives*; e, por último, há a comparação dos *ethé* nas duas modalidades de pronunciamento.

### 3 Análise dos *ethé* de potência e chefe nos pronunciamentos proferidos pelo presidente Jair Bolsonaro

Como mencionado anteriormente, a análise limita-se aos *ethé* de potência e chefe postulados por Charaudeau (2018), uma vez que, dado o recorte da pesquisa, são imagens demasiadamente recorrentes que o orador constrói em seus pronunciamentos.

A análise está dividida em três partes: primeiro analisam-se os discursos de caráter formal, que correspondem aos proferimentos transmitidos em cadeia nacional no rádio e na televisão. Em seguida, analisam-se os discursos em formato de *live*, que correspondem a vídeos de caráter informal, em que o orador não está apenas reproduzindo um discurso previamente pronto e nem este é difundido compulsoriamente pelos meios de comunicação de massa. Essa categoria de vídeo é reproduzida em tempo real e transmitida em redes sociais ou em canais da plataforma

de vídeos YouTube. Por fim, estabelece-se uma comparação a respeito das imagens de potência e chefe projetadas nas duas modalidades de discursos.

### 3.1 Em pronunciamentos oficiais

Consideram-se, nesta pesquisa, pronunciamentos oficiais aqueles que são disseminados em rádio e televisão de forma simultânea e obrigatória. São vídeos contendo pronunciamentos mais objetivos (o maior dentre os que foram analisados tem a duração de 5 minutos e 10 segundos) e trata-se de um discurso escrito, portanto previamente elaborado, que passa pelo processo de oralização.

Atinente à análise das expressões faciais, da vocalidade e dos traços de corporalidade apresentados por Bolsonaro nos vídeos oficiais analisados, nota-se que o orador demonstra seriedade em seus pronunciamentos, através de uma face grave, que não sorri e que expressa neutralidade ao longo do proferimento do seu discurso.

A vocalidade do orador se enquadra no que Charaudeau (2018, p. 172) denomina de “falar tranquilo”, uma vez que se caracteriza por um tom de voz moderado, que não é nem exageradamente forte e nem muito fraco; uma dicção satisfatória, com um ritmo cadenciado, uma pronúncia clara das palavras, além de se valer da utilização de pausas curtas no término das frases, objetivando o melhor entendimento do seu discurso. Nos vídeos analisados, em nenhum momento foram constatadas alterações no tom de voz do orador, que se manteve calmo no decorrer do proferimento de seus discursos.

Apesar das imagens dos vídeos revelarem somente a parte superior do corpo do orador (cabeça e tronco), constata-se que seu físico também demonstra seriedade, com um porte ereto e sem traços de informalidade, além de se manter contido ao longo do proferimento do discurso. O orador também não gesticula muito, os poucos movimentos que faz, bastante sutis, são com a cabeça, o que acaba por remeter à uma ideia de indivíduo mecanizado. O vestuário utilizado pelo orador, terno e gravata, também estão adequados ao ambiente formal e ao contexto no qual ele está inserido. Nessa perspectiva, os procedimentos enunciativos e os índices corporais e gestuais acabam por comportar uma formalidade e, por isso, contribuem para a projeção do *ethos* de sério no discurso do Presidente Jair Bolsonaro.

No âmbito da enunciação, observamos a projeção, por parte de Bolsonaro, do *ethos* de potência, ao exaltar sua condição física perante a possibilidade de ser contaminado pelo vírus da covid-19:

[vídeo 1 – 3 min e 16 seg.] No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito,

acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão (Brasil, 2020).

Como já dito, os *ethé* de identificação também estão ligados a traços pessoais de corporalidade. Levando isso em consideração, a exaltação do corpo é uma das características pertinentes ao *ethos* de potência, em que o político, ao projetar tal *ethos*, tenta exprimir uma imagem de força, “contra a qual não se pode grande coisa” (Charaudeau, 2018, p. 138). Nessa perspectiva, o corpo é aqui apresentado como uma prova de verdade, ou seja, como uma demonstração de poder.

No âmbito dos procedimentos enunciativos, evidencia-se, na passagem acima, a enunciação elocutiva, a partir da utilização, entre outros casos, do pronome possessivo “meu”, dos adjetivos “contaminado” e “acometido” e dos verbos “sentiria” e “seria”. Tais expressões introduzem o ponto de vista do orador e contribuem para a glorificação do corpo e, dessa forma, para a projeção do *ethos* de potência no discurso. No mesmo trecho, salienta-se a estratégia de isenção de responsabilidade com a utilização dos pronomes demonstrativos “aquele” e “daquela”, que referenciam o médico Dráuzio Varella e a Rede Globo de televisão com o propósito de distanciamento, mas mediante estratégia polifônica que implica a compreensão da covid-19 como uma *gripezinha*. Trata-se, obviamente, da reformulação de uma enunciação realizada em um contexto distinto, em que pouco se sabia a respeito da doença e que tinha o propósito de evitar histeria coletiva. Posteriormente, o próprio médico relatou arrepende-se do uso do termo (*resfriadinho*, na enunciação original).

Em relação ao *ethos* de chefe, podemos evidenciá-lo na passagem a seguir, em que o orador argumenta acerca da sua responsabilidade enquanto indivíduo que governa o país:

[vídeo 2 – 41 seg.] Tenho a responsabilidade de decidir sobre as questões do país de forma ampla, usando a equipe de ministros que escolhi para conduzir os destinos da nação. Todos devem estar sintonizados comigo” (Brasil, 2020).

Nessa perspectiva, o orador constrói a figura de guia supremo, a imagem de um ser superior, de salvador, que guiará a sociedade, em meio aos percalços da vida, a um futuro glorioso, o que o torna um agregador, um visionário, remetendo até mesmo a figura de um totem, símbolo de uma coletividade. Os verbos “tenho”, “decidir” e “escolhi”, contribuem para a introdução do ponto de vista do enunciador, ou seja, denotam a elocução na enunciação, e contribuem para a projeção da modalidade de compromisso, auxiliando na construção da figura de guia supremo. Todavia, a última oração “Todos devem estar sintonizados comigo” acaba por introduzir o interlocutor no discurso, construindo, dessa forma, a alocação. Nesse ponto, percebe-se modo de operação ideológica de legitimação de seu discurso por meio da estratégia de universalização (THOMPSON, 2011, p. 83), que consiste em apresentar o interesse de um

grupo de indivíduos como coletivo. De acordo com Charaudeau (2018, p. 176), tanto à locução quanto à elocução denotam, por parte do orador, um apelo à confiança, remetendo, uma vez mais, a figura de guia.

Outra evidência na construção do *ethos* de chefe está na seguinte passagem, do pronunciamento ocorrido em março de 2021, em que o orador afirma ter ele mesmo mediado a compra de vacinas junto às fabricantes internacionais:

[vídeo 3 – 2 min e 17 seg.] Neste mês, intercedi pessoalmente junto à fabricante Pfizer para a antecipação de 100 milhões de doses, que serão entregues até setembro de 2021. E também com a Janssen, garantindo 38 milhões de doses para este ano. Quero tranquilizar o povo brasileiro e afirmar que as vacinas estão garantidas (Brasil, 2021).

A menção ao fato de ter intercedido “pessoalmente” na compra de vacinas denota a ideia de autoridade que está à frente nas transações do governo, construindo tanto a imagem de salvador, de alguém que detém o poder de livrar as pessoas da morte, quanto de competência. A elocução expressa mediante o verbo “intercedi” e as locuções verbais “quero tranquilizar” e “estão garantidas”, constroem uma vez mais a modalidade do compromisso, que coincide com a figura de guia do *ethos* de chefe.

Sobre esta temática específica, cabe assinalar que, conforme foi apurado pela CPI da pandemia, a farmacêutica Pfizer enviou, de agosto a dezembro de 2020, 81 *e-mails* contendo oferta de fornecimento de vacinas, sem qualquer resposta. Conforme também foi apurado pela CPI no Senado Federal, a morosidade na aquisição de vacinas ocorria pois se buscava fechar contrato para aquisição da vacina Covaxin, da farmacêutica Bharat BioTech. Entre muitas irregularidades contratuais, destaca-se a propina de US\$ 1 (um dólar) por dose. As investigações no Senado impossibilitaram que a celebração deste contrato lograsse êxito e pressionaram a compra de vacinas junto a outras farmacêuticas. Conforme apontou Silva (2020), o presidente Jair Bolsonaro usa estratégia de criação de simulacro da realidade enquanto legitimação de seu poder.

### **3.2 Em pronunciamentos no formato de *live***

Diferentemente dos vídeos oficiais, os quais são provavelmente escritos por uma equipe de assessores, os pronunciamentos em formato de *live* são mais espontâneos, apresentam uma duração mais longa (há *lives* com mais de uma hora) e não é dirigido a todos os cidadãos – antes se prestam à ratificação das representações pré-discursivas que ajudaram a construir o afeto social de seus correligionários.



Acerca das expressões faciais e corporais e da vocalidade do orador nos vídeos analisados, nota-se que Jair Bolsonaro acaba por transmitir ora uma imagem de seriedade, ao relatar alguma informação técnica sobre a pandemia, por exemplo; ora uma imagem de político indecoroso, que faz brincadeiras e que se exalta. Contrariamente aos pronunciamentos oficiais, nas *lives*, o político demonstra mais naturalidade, através de expressões faciais mais fluídas, como uma face sorridente ou mesmo quando expressa indignação. Apesar de se manter sempre sentado em uma bancada e em nenhum momento se levantar, nota-se, ao analisar os vídeos, que o orador possui mais ampla gestualidade em seu corpo, usando muito as mãos ou mesmo projetando o tronco para frente ou para os lados à medida que se refere ou fala com alguém. A sua vestimenta também se diferencia dos pronunciamentos oficiais, visto que nas *lives* o orador utiliza roupas mais informais, como camisa e casaco.

Sua vocalidade também se diferencia dos discursos oficiais, cuja fala se enquadra ora no “falar tranquilo”, ora no “falar forte”. Em relação a isso, constata-se que o orador, na maior parte dos seus discursos, mantém um tom de voz moderado, ou seja, nem muito forte ou muito fraco. Contudo, em alguns momentos, há a projeção de um tom de voz mais forte, principalmente quando o orador discute temáticas relativas à imprensa ou críticas a seu governo. Sua dicção também se diferencia dos discursos formais, uma vez que o orador, em alguns momentos, não articula bem as palavras e com isso, sua pronúncia por vezes não é clara, o que compromete o entendimento de sua fala.

Quanto à projeção do *ethos* de potência nos discursos, há a evidência de tal imagem em todos os pronunciamentos coletados. No trecho abaixo, por exemplo, Bolsonaro aborda o assunto da contaminação do vírus da covid-19:

[vídeo 4 – 19 min e 44 seg.] Eu não sei se eu já peguei, fiz dois testes lá atrás, deu negativo [expressão não compreendida] não senti nada, não sei, posso fazer o teste novamente pra saber se tenho anticorpos já... Eu acho que eu já peguei, certo? Vai de cada um, do perfil, da vida sanitária de cada um. Tem gente que não. Pode ser gente da minha idade que não tá bem fisicamente, se foi acometido do vírus vai ter problema, tá certo? [...] (Brasil, 2020).

Nesse trecho, o orador, apesar de dizer que seus testes de contaminação do vírus deram negativo, alude, uma vez mais, ao fato de que, se tivesse sido contaminado pelo vírus, o que presume ter ocorrido, não sentiria nenhum sintoma. O interlocutor, mediante relação de causa e efeito estabelecida no conteúdo das informações apresentadas, é levado a entender que esse fato decorre da sua condição física, uma vez que o orador fala que alguns indivíduos que possuem a sua idade, se não tiverem um bom condicionamento físico, podem vir a desenvolver os sintomas do vírus. Nessa perspectiva, aqui, mais uma vez, é exaltado o papel do corpo como prova da força do político. No âmbito da enunciação, a elocução, expressa no trecho acima

mediante emprego do “eu”, além de exercer sua função ao introduzir o ponto de vista do orador, auxilia na projeção do *ethos* de potência.

Em outro discurso, Bolsonaro retoma um pronunciamento oficial seu, transmitido em 24 de março de 2020, no qual utiliza as expressões “gripezinha” e “resfriadinho”, o qual gerou bastante repercussão, para se referir a possíveis sintomas decorrentes do vírus da covid-19:

[vídeo 6 – 7 min e 6 seg.] [...] em especial aqueles que nos criticam sem qualquer base, né? Ah, o governo abandonou o tratamento do covid, ah, ele é antivacina, ele falou que era uma gripezinha. Estou esperando alguém mostrar um áudio meu ou um vídeo meu dizendo que era uma gripezinha, estou esperando [...] (Brasil, 2021).

Há, no proferimento desse trecho, uma certa exaltação do orador, um tom de voz mais forte, um pouco mais alto, em consonância com o que Charaudeau (2018, p. 171) denomina de figura de vociferador, exercendo uma certa violência verbal, valendo-se da utilização de bravatas em seu discurso em relação aos críticos do seu governo. Observa-se, também, a negação de sua própria fala, a despeito de seu registro audiovisual e de sua ampla difusão, enquanto estratégia de dissimulação de suas práticas.

Nesse mesmo pronunciamento, em outro momento, Bolsonaro também altera o tom de voz, que se eleva, demonstrando uma certa exaltação ao abordar ainda acerca das críticas que recebeu, dessa vez por não ter contratado com mais antecedência a vacina da empresa farmacêutica Pfizer:

[vídeo 6 – 9 min. 45 seg.] Aí entra a questão da Pfizer um pouquinho antes, no ano passado ainda, alguns fala: deveria ter contratado a Pfizer em dois mil e vinte. Você leu, você que critica, leu o contrato? O caso ali, os advogados chamam de leoninas, pra mim é draconiana, como por exemplo, né, não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Aí eu usei uma figura, né, uma figura, costume usar, né, falei em jacaré, pronto, pessoal leva, os maldosos, como se fosse jacaré mesmo. O duro, no caso, era se transformassem em... eu não vou falar aqui para evitar polêmica. Se fosse o operário da Globo na Folha de São Paulo, tá? (Brasil, 2021).

O tom de voz mais exaltado numa enunciação alocutiva, quando se projetam adversários possíveis (a mídia, principalmente), também ajuda na construção do *ethos* de potência. No excerto, o locutor diz defender interesses da nação ao não aceitar “as cláusulas leoninas” do contrato com a farmacêutica e ainda desqualifica seus adversários, categorizando-os como maldosos.

No que diz respeito ao *ethos* de chefe, podemos evidenciá-lo na seguinte fala, proferida em *live*, na qual o orador argumenta:

[vídeo 6 – 27 min e 39 seg.] Eu sou a pessoa, queiram, ou não, critiquem, ou não, me ofendam, ou não, que posso garantir a sua liberdade. Porque se aqui no meu lugar, da facada do Adélio

fosse mortal, estaria no meu lugar Haddad ou Ciro Gomes, que são dois elementos de esquerda. O segundo manda no Ceará, o outro é o poste do Lula, e os governadores do PT, todos eles, fizeram *lockdown* ano passado. Todos, sem exceção. Do Ceará, que é outro partido, mas é de esquerda, que é a mesma coisa. Se está o Haddad aqui ou o Ciro, o Brasil estaria fechado igualzinho a Argentina está. Qual o futuro do nosso país? (Brasil, 2021).

Nessa fala, Bolsonaro afirma que é o único indivíduo que detém o poder de libertar a população. Nota-se que a liberdade é aqui posta tanto no sentido do ir e vir, tendo em vista que ele está criticando os políticos de esquerda que são favoráveis a instauração do *lockdown* no país; quanto no sentido de libertar o Brasil da política de esquerda, sendo aqui posta como negativa. Dessa forma, esse poder que o orador diz possuir de conceder e de guiar os indivíduos à liberdade, é o que projeta o *ethos* de chefe, mediante a figura de guia supremo, com o auxílio da elocução expressa mediante a construção “eu sou”.

Além disso, o fato de Bolsonaro argumentar que se os políticos de esquerda citados tivessem ocupado o seu cargo, o país estaria em uma situação desfavorável, pressupõe que o seu governo está sendo favorável à população, e que ele é a pessoa capacitada que pode governar o país, auxilia, uma vez mais, na construção da imagem de chefe, atrelada ao *ethos* de competência. O *ethos* de chefe aqui é construído mediante o uso de modos de operação de ideologia em que o locutor representa a unificação, mediante estratégia de simbolização da unidade (da liberdade) e seus adversários políticos representam a fragmentação (Thompson, 2011, p. 87).

### **3.3 Análise e comparação entre as duas modalidades de pronunciamentos**

No que diz respeito ao *ethos* de potência, constata-se que nos discursos oficiais a imagem é projetada por meio da glorificação do corpo como demonstração de poder e força. Nessa perspectiva, o *ethos* de potência é evidenciado no discurso de Bolsonaro quando o orador menciona seu passado atlético, por meio de falas como “Pelo meu histórico de atleta” ou “Vai de cada um, do perfil, da vida sanitária de cada um”. Ao mesmo tempo em que o orador alude a sua condição física, há a banalização do vírus da covid-19, estabelecida por meio da utilização das expressões “gripezinha” e “resfriadinho”.

Em relação aos discursos proferidos nas *lives*, a imagem de potência é projetada pelo orador ora por meio da retomada da sua vida progressa, ou seja, pelo seu passado de atleta, ora por meio da vociferação ao proferir ataques à imprensa ou aos opositores do governo. Diante disso, podemos constatar que a figura do vociferador só se evidencia nos discursos das *lives*, o que é compreensível se levarmos em consideração o caráter menos formal que esse discurso comporta e aos interlocutores aos quais se destina.

Nas duas modalidades de discurso, a imagem de chefe é construída através da figura de guia supremo, ou seja, um ser superior que é capaz de resgatar a população de uma realidade terrível e que detém o poder e o dever de guiar a nação a um caminho correto que levará a um futuro glorioso, encarnando num papel de agregador, de visionário. A título de exemplo, o orador utiliza em seus discursos frases como “Eu sou a pessoa que pode garantir a sua liberdade” ou “Todos devem estar sintonizados comigo”. Esta imagem de chefe está atrelada a modos e estratégias de operação da ideologia discriminados em Thompson (2011), como a universalização, a unificação e a fragmentação (quando o discurso remete a adversários políticos ou a posicionamentos progressistas).

Nessa perspectiva, constata-se que as estratégias discursivas utilizadas pelo orador têm como finalidade deslegitimar ou banalizar o vírus da covid-19, contribuindo, dessa forma, para a construção de um discurso negacionista e a projeção da figura de Bolsonaro como um ser poderoso, alguém de quem o país necessita seguir para alcançar um futuro glorioso.

Ademais, constata-se que a diferença de registro formal e informal permite evidenciar a distinção da vocalidade e gestos corporais do orador, todavia, a análise linguística apontou que as imagens de potência e de chefe são construídas em ambas as modalidades de pronunciamentos analisadas. De igual modo, observa-se que a construção das imagens do locutor pauta-se em sua grande maioria mediante o *ethos* dito, isto é, construído a partir de referências diretas ao locutor; em detrimento ao *ethos* mostrado, ou seja, imagens construídas a partir de informações implícitas (Maingueneau, 2008).

É importante também ressaltar que o orador projeta outros *ethé* nos pronunciamentos, como as imagens de sério e de competência (atreladas às imagens aqui investigadas), relacionados aos *ethé* de credibilidade.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa analisou como se constroem os *ethé* de potência e chefe em pronunciamentos formais e informais do presidente da república Jair Messias Bolsonaro (2018-2022), bem como os procedimentos expressivos e enunciativos presentes em tal discurso. Constatou-se, a partir da análise, que a mudança do público e do propósito dos pronunciamentos afeta o modo como o orador se apresenta, ainda que tenha havido regularidade no fato de o *ethos* de potência ser projetado por meio da glorificação do corpo como prova da força e do poder do político em ambas as modalidades de discurso. Todavia, a vociferação, uma das características pertinentes ao *ethos* de potência, só se evidencia nos proferimentos em formato de *live*, o que decorre em razão do caráter de informalidade do discurso.

Já o *ethos* de chefe foi projetado através da figura de guia supremo, uma vez que o orador se põe como um ser superior que guiará a população a um destino esplendoroso e a salvação (inclusive da morte, se levarmos em consideração a temática do *corpus*). Ademais, nota-se que os procedimentos expressivos e enunciativos auxiliam na construção das imagens analisadas, além de contribuir para a construção de outros *ethé*, como os de sério e competência (credibilidade).

Em razão desta pesquisa se delimitar a analisar os *ethé* de potência e chefe, é pertinente salientar que ela acaba por não contemplar uma análise mais fecunda das imagens de caráter, inteligência, humanidade e solidariedade (identificação), bem como o de virtude (credibilidade). Por disso, uma análise mais expansiva em um *corpus* quantitativamente mais amplo permitirá um estudo mais aprofundado dessas imagens.

Trazendo uma vez mais as pesquisas sobre o *ethos* de Bolsonaro, averigua-se que, embora o objeto analisado se diferencie entre os trabalhos, há semelhanças no que diz respeito à projeção, em todos os discursos, dos *ethé* de credibilidade, a saber, as imagens de sério, de virtude e de competência. No que tange aos *ethé* de identificação, a pesquisa de Moitinho, Lima e Salles (2020) sobre as imagens delineadas no discurso de abertura de 75<sup>a</sup> Assembleia Geral da ONU, apresenta similaridades com os resultados dessa pesquisa, uma vez que foram constatados o *ethos* de chefe através da figura de guia supremo.

Por fim ressalta-se a recorrência ao *ethos* dito, isto é, aquele em que há referência direta ao locutor, em detrimento ao *ethos* mostrado, aquele que é construído implicitamente. Curiosamente, autores como Ducrot (1987) questionam eficácia de construções autoelogiosas, mas talvez valha em que o outro, o terceiro, seja um público idealizado e que tenha algum letramento político.

Infelizmente nota-se um movimento social em que a projeção de imagens como as de potência, inteligência, humanidade e chefe se mostra mais dominante e eficaz do que a projeção de um discurso mais racional, pautado predominantemente em um *logos*, tendo em vista que o discurso político é construído “mais pelo afeto que pela razão; mais pelos sentimentos irracionais provocados no cidadão que pela reflexão; mais pela oferta de imagens pessoais que se faz circular no mercado político que pela oferta de argumentos que poderiam ser discutidos” (Charaudeau, 2018, p. 180).

Diante desse cenário, os políticos se transvestem cada vez mais de imagens que julgam favoráveis a conseguir a adesão da instância cidadã, e, considerando-se principalmente os *ethé* de identificação, estes se mostram indispensáveis em matéria de discurso político, já que,

atualmente, a força das imagens se mostra tamanha que os indivíduos, movidos através de paixão e fascinação, aderem a pessoas, e não a ideias.

## Referências

- AMOSSY, Ruth. **Argumentação no discurso**. Tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução: Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães et al.. Campinas: Pontes, 1989.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela Maria da Silva Corrêa. 2. ed., 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CRUZ, Jéssica Dametta. **Ideologia, história e relações discursivas: uma análise do discurso de Jair Bolsonaro**. 2020. 88 f. Dissertação (Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução e revisão técnica de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel;
- SALGADO, Luciana (org). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.
- MOITINHO, Beatriz Miranda; LIMA, Caroline Nogueira de; SALLES, Sueli de Brito; PAULA, Deborah Gomes de. A pandemia no discurso político de Jair Bolsonaro. **Brazilian Journal of Policy and Development**, v. 2, n. 4, p. 47-66, 29 dez. 2020.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução: Bethania S. Mariani et al. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagem, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. (orgs.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Alexandre Marques. (Não) é só uma gripezinha: argumentação e realidade forjada nos pronunciamentos de Jair Bolsonaro sobre a covid-19. **EID&A – Revista eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. Ilhéus, n. 20, v. 2, ago. 2020, p. 04-28.

SOARES, Thiago Barbosa; SANTOS, Maycon Douglas Vieira dos. (Im) Prováveis presidentes do Brasil: uma análise das imagens de si nos pronunciamentos de posse dos presidentes Lula e Bolsonaro. **Humanidades & Inovação**, v. 3, n. 24, 2020.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VIEIRA FILHO, Maurício João; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. O ethos de Jair Bolsonaro: uma análise discursiva dos discursos da posse presidencial. **Revista Temática**, ano XVI, n. 8, 2020.